

## **A AMIZADE NAS PERSPECTIVAS DO PRIMEIRO E SEGUNDO TESTAMENTOS: Uma análise de textos – Prov 17, Eclo 6, e Jo 15,15.**

**Marivan Soares RAMOS**, Mestre e Doutorando em Teologia Bíblica pela PUC–SP, Especialista em Cultura Judaico-Cristã e Ensino Religioso pela UNIFAI–CCDEJ. Licenciatura em História e Pedagogia. Coordenador acadêmico e professor no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ).\*

**Emerson Cardoso Faustino RIBEIRO**, Graduado em Teologia e em História é Professor de Inglês do Colégio São José Sion Ipiranga – SP e aluno do Curso de Pós-Graduação em Sagradas Escrituras do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ) em São Paulo.\*\*

### **RESUMO**

A intenção deste artigo é observar o conceito de amizade dentro de textos selecionados do Primeiro e do Segundo Testamentos, fazendo uma leitura analítica do contexto histórico na época dos escritos e uma interpretação da intenção dos autores na transmissão para as comunidades posteriores. Considerando as análises exegéticas de autores contemporâneos, procura-se estabelecer relações entre as passagens escolhidas – Provérbios 17,17; Sirácida 6,14-17 e João 15,15 – e suas implicações para a vida cotidiana e as relações sociais, conforme a Campanha da Fraternidade de 2024, que foi proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), juntamente com a encíclica papal *Fratelli Tutti*, quer suscitar dentro da realidade brasileira. O objeto de estudo deste artigo é, portanto, a visão que aparece nas Escrituras sobre a amizade e como devemos realizar essa leitura.

**Palavras-chave:** Amizade. Provérbios. Sirácida. João. Amigo.

### **ABSTRACT**

This article intends to perceive the concept of friendship within selected texts from the First and Second Testaments, proceeding with an analytical reading of the historical context at the writings period and an interpretation of the authors' intentions at the transmission to the late communities. Taking into consideration exegetical analysis of contemporary authors, it seeks to settle relations between the chosen passages – Proverbs 17:17, Sirach 6:14-17

\* E-mail: marivanramos26@gmail.com

\*\* E-mail: emerson1996@gmail.com

and John 15:15 – and their implications to daily life and social relations, regarding the 2024 Fraternity Campaign, that was proposed by the Brazilian National Bishops Conference (CNBB), and the papal encyclical *Fratelli Tutti*, want to raise inside Brazilian reality. The object of this study is, therefore, the view that appears in the Scriptures about friendship and how we are supposed to read it.

**Keywords:** Friendship. Proverbs. Sirach. John. Friend.

## Introdução

Em meio à Campanha da Fraternidade de 2024 promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil o tema da “Amizade Social” se faz presente dentro do contexto religioso, em especial, do contexto cristão católico. A indicação da carta encíclica *Fratelli Tutti* publicada pelo Papa Francisco em 2020 mostra como a abertura e o diálogo para relações sinceras entre as pessoas deve ser uma preocupação de todas as pessoas.

Dentro da realidade cristã, Jesus surge como principal modelo e exemplo em todos os âmbitos de nossas vidas, entre eles, nas relações. Sua vida pública foi marcante e os relatos evangélicos nos mostram como Ele se relacionou em sua Nazaré, em Jerusalém, em Betânia, cidades importantes que revelam o comportamento de Jesus entre os seus. Os momentos conflituosos também demonstram como sua personalidade agregava, e muitas vezes por buscar o diálogo, afastava quem não queria essa aproximação.

O Evangelho de Jesus Cristo segundo João apresenta essas passagens que querem mostrar sentimentos do Salvador e aproximá-los da comunidade de fé. Conforme MEDEIROS:

O cultivo das relações de amizades foi um desdobramento do amor, do ágape divino que Jesus semeou a partir da sua relação paradigmática com seus discípulos, a qual deveria ser seguida, perpetuada e multiplicada nos centros sociais das novas comunidades cristãs que estavam, concomitantemente, enfrentando desafios e, missionariamente, avançando como modelo socioreligioso alternativo ao judaísmo e aos cultos greco-romanos. (MEDEIROS, 2020, p.114)

Como o próprio Jesus afirma segundo o evangelista no capítulo 13, esse amor aos outros era o elemento que serviria como identificador dos cristãos, afinal, este exemplo do amor divino havia sido experimentado por

cada um dos apóstolos, por exemplo, no ato do Lava-pés, outro episódio que só aparece no Evangelho segundo São João.

Os Evangelhos Sinóticos, apesar de também mostrarem as atitudes de Jesus para com os outros, no relato da última ceia, se concentram na instituição da Eucaristia, detalhando a preparação para a refeição, a Eucaristia e a traição. João busca acrescentar elementos que enriqueceriam a sua comunidade, dando-lhes uma direção vinda do próprio Jesus, desde o capítulo 13 até o 16, quando o relato da prisão começa.

Essa diferença explicita como o texto deste Evangelho é singular e deve ser entendido como uma construção da Comunidade Joanina (CASAGRANDE, 2019) que reflete na redação final do texto o seu contexto social e cultural no primeiro século, como grupos formados por judeus-cristãos.

Conforme a Introdução ao Evangelho segundo João, da Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), o livro pode ser dividido da seguinte forma: “Após o solene prólogo teológico (1,1-18), numa primeira parte, ele se aplica a narrar diversos acontecimentos e ensinamentos interligados (1,19-12,50); a segunda parte refere longamente os acontecimentos da Paixão e as manifestações do Cristo ressuscitado (13,1-21,25)” (BÍBLIA TEB, 2020, p. 1989). Dentro dessa divisão, a segunda parte, também chamada de “Livro da Glória”, contém grandes ensinamentos sobre a Paixão e os ensinamentos para que os discípulos e, conseqüentemente as comunidades, pudessem seguir no caminho indicado por Jesus.

Um dos grandes temas deste Evangelho, o Testemunho, é apresentado nesta segunda parte com uma visão de guiar a conduta dos discípulos através do exemplo do próprio Jesus. Esse olhar revela, para João, a importância de agir segundo os ensinamentos do Cristo, de modo que não é suficiente um testemunho individual: a real face deste nascente cristianismo é a postura do discípulo com os outros.

A partir destes pontos, o conceito de “amigo” que está contido no capítulo 15, em especial no versículo 15, será explorado, primeiro em relação a outras passagens contidas no Primeiro Testamento, como uma aproximação ao sentido que havia naquele contexto histórico-cultural, e depois uma análise dos termos duais – “servo” e “amigo”.

## A amizade no Primeiro Testamento

O conceito de amizade entre as relações humanas é tema de discussão tanto na civilização ocidental quanto na oriental. Filósofos e sábios costumam refletir sobre ele e estabelecer comparações e histórias para que as pessoas tenham uma posição sobre o valor deste conceito. Dentro do contexto semita essa realidade também é abordada e refletida em algumas passagens do Primeiro Testamento, de modo que fica demonstrada a forma pura e benéfica da amizade verdadeira entre os homens, assim como a amizade com Deus.

Dentre os trechos que podem ser selecionados sobre essa temática, abordaremos num primeiro momento o trecho de Provérbios 17, 17 que diz em seu original: בְּכָל־עֵת אָהַב הָרֵעַ וְאָח לְצָרָה יוֹלֵד – “Um amigo ama em todo o tempo, um irmão nasce para o tempo da adversidade” (BÍBLIA TEB, 2020, p. 1179)

Buscando compreender melhor este trecho é possível recorrer aos mestres rabinos e entre eles, um em especial oferece uma explicação sobre este tema: Rabbi Shlomo ben Isaac, mais conhecido como RASHI. Ele que viveu entre 1040 e 1105, propôs-se a escrever sobre a Escritura para possibilitar um texto mais compreensível para a comunidade (PASSETO, 2020). O irmão Elio Passeto, nds, em seu livro sobre RASHI escreve que: “Conscientemente, seu objetivo é comentar o texto de maneira clara, de traduzir as palavras, as expressões numa linguagem acessível, e de explicar todas as passagens que lhe parecem difíceis”. (PASSETO, 2020, p. 23). Neste sentido, sua atuação nos é favorável por facilitar essa compreensão. O texto de RASHI implica numa tradução própria, apresentada em negrito, seguida por seu comentário. Os trechos utilizados foram encontrados com tradução no idioma inglês e serão apresentados com uma tradução livre do autor, enquanto o original será acrescentado no apêndice, ao final do artigo.

**בכל עת אוהב הרע. לעולם היו אוהב רעים לקנות אוהבים** – **A todo momento ame um amigo.** Você deve sempre amar os amigos, isto é, para conquistar pessoas que amem você.

**ואח לצרה יולד. לעת הצרה יולד לך הרע כאח לעזור לך ולהשתתף בצרתך** – **Por ele nasce um irmão na adversidade.** No momento de adversidade, o amigo nascerá para você como um irmão, para te ajudar e participar na sua

adversidade.” (RASHI, 1998)

Existe, para RASHI, essa percepção de reciprocidade dentro da relação entre os homens. No primeiro momento, demonstrar o amor como forma de conquista dos amigos. Sem este início do sentimento, não ocorre a conquista de alguém que te ame verdadeiramente. Em contrapartida, após esta conquista, o amigo é como um irmão, parte de sua família. Nos momentos difíceis, ele o acompanhará e partilhará a dificuldade.

A amizade entre os homens deve ser, segundo este trecho e comentário, algo gratuito e recíproco, com a responsabilidade de apoiar e ajudar o amigo quando for necessário. Pode-se traçar um paralelo com o amor de Deus para com seu povo: Ele oferece seu amor primeiro, buscando conquistar-nos e, isto feito, ele se oferece como força e refúgio na adversidade. Sua atuação confere a percepção de RASHI, por participar, ou seja, fazer parte do enfrentamento do desafio ou problema que se apresenta.

Outro trecho, lido inclusive na liturgia católica, é do livro do Sirácida ou Eclesiástico. Sendo um livro deuterocanônico, ele não se encontra no cânon da Bíblia Hebraica, apesar disso, é citado no *Talmud* e em outros textos da literatura judaica (SATLOW, 2015, p. 1) o que mostra como foi um texto considerado importante, mesmo que não tenha entrado no cânon. O excerto referido é do capítulo 6 e de forma particular os versículos 14-17, conforme encontramos na Septuaginta:

- 14 φίλος πιστὸς σκέπη κραταιά ὁ δὲ εὐρῶν αὐτὸν εὕρεν  
θησαυρόν  
15 φίλου πιστοῦ οὐκ ἔστιν ἀντάλλαγμα καὶ οὐκ ἔστιν  
σταθμὸς τῆς καλλονῆς αὐτοῦ  
16 φίλος πιστὸς φάρμακον ζωῆς καὶ οἱ φοβούμενοι κύριον  
εὐρήσουσιν αὐτόν  
17 ὁ φοβούμενος κύριον εὐθυνεῖ φιλίαν αὐτοῦ ὅτι κατ'  
αὐτὸν οὕτως καὶ ὁ πλησίον αὐτοῦ

Sua tradução a partir da versão da TEB é:

- 14 Amigo fiel é refúgio seguro, quem o encontrou,  
encontrou um tesouro  
15 Amigo fiel não tem preço: é um bem inestimável  
16 Amigo fiel é um elixir de longa vida: os que temem o  
Senhor o encontrarão.  
17 Quem teme o Senhor dirige bem sua amizade: como  
ele é, tal será seu companheiro.

Sobre as versões, em ambas há uma repetição da palavra “amigo”, no grego “φίλος” (philos), iniciando os versículos 14 a 16, para que sua descrição que segue nos versículos seja clara e reafirmada. Não somente como “amigo”, mas um “amigo fiel”, característica que, ao ser expressa, indica a existência dos amigos “infieis”, que não se encaixam nesta relação. Quanto a essas definições, SILVA (2012, p. 355) comenta que: “Sirácida utiliza as experiências do cotidiano a fim de guiar as pessoas à aplicação da Lei”. Isso implica que, ao retratar a amizade, o autor busca situar, com elementos que faziam parte da vida dos fiéis, as bases para essa relação, de modo que todos pudessem compreender e praticar.

Cada versículo, como forma de provérbio breve, busca propor reflexões: no versículo 14 há duas alegorias à figura do amigo fiel: o refúgio, que demonstra a fortaleza gerada pelo amigo fiel, e o tesouro, item valioso e raro, que recompensa quem o encontra. O versículo 15 apresenta o amigo fiel como “bem inestimável”, alguém que simplesmente não pode receber um preço, não pode ser vendido como escravizado ou servo, algo que será retomado na analogia proposta por Jesus. O versículo 16 estabelece uma nova relação: os que temem o Senhor, por cumprirem este preceito, encontrarão este amigo fiel, que também é associado ao “elixir de longa vida”, ter essa amizade, portanto, prolonga e restaura a vida e por isso, aqueles que são fiéis a Deus recebem esta graça.

Por fim, no versículo 17 há uma nova característica a quem é fiel a Deus: dirige bem a amizade e o comportamento dele será igual ao de seu companheiro. Essa reciprocidade é fruto de uma amizade que surge a partir da fé, do temor de Deus. E essa base comum entre ambos os amigos cria esse compromisso de cada um entre si e com o Senhor – ao dirigir de forma correta sua amizade, pelo temor a Deus, e tendo um companheiro de comportamento equivalente, essa relação prevalece eternamente e demonstra, mesmo que de forma imperfeita, a amizade do próprio Deus para com os homens. Como Ele ama incondicionalmente, os que se fazem seus amigos devem retribuir esse amor e seguindo nesta leitura, o próprio Senhor também é este tesouro, este elixir de longa vida que transforma a vida de seus amigos. SILVA parafraseando DI LELLA comenta que: “Aquela pessoa que vive a verdadeira amizade, com efeito, ela teme ao Senhor, porque vê no encontro com o amigo a Sua presença” (DI LELLA apud SILVA, 2012, p. 356). Isto é, podemos enxergar através deste amigo fiel, a face de Deus, que é o amigo fiel por excelência.

Por fim, ilustrando essa relação de amizade conforme o Primeiro Testamento, entre muitos exemplos, o de Jônatas e Davi, relatado no Primeiro Livro de Samuel se encaixa nestas definições que acompanhamos, especialmente no trecho de 1Sam 18, 1-3 que relata esse relacionamento e sua importância para sobrevivência de Davi.

O trecho é, em seu original:

וְהָיָה כְּכִלְתּוֹ לְדַבֵּר אֶל-שָׂאֹל וְנָפֵשׁ יְהוֹנָתָן נִקְשְׂרָה בְּנַפְשׁ דָּוִד (וַיֵּאבֹב) 1  
וַיִּאָהֲבֵהוּ יְהוֹנָתָן כְּנַפְשׁוֹ  
וַיִּקְרָהוּ שָׂאֹל בְּיוֹם הַהוּא וְלֹא נָתַן לְשׁוּב בַּיַּת אָבִיו 2  
וַיַּכְרֵת יְהוֹנָתָן וְדָוִד בְּרִית בְּאַהֲבָתוֹ אֵתוֹ כְּנַפְשׁוֹ 3

Segundo a versão da TEB:

- 1 Assim que Davi terminou de falar com Saul, Jônatas se apegou a Davi e começou a amá-lo tanto quanto a si.
- 2 Naquele dia, Saul reteve Davi e não o deixou voltar para a casa de seu pai.
- 3 Então Jônatas fez aliança com Davi, porque o amava como a si mesmo.

O contexto deste fragmento é importante para a real dimensão deste texto: Jônatas é filho do rei Saul e Davi é apresentado ao rei pouco antes dessa passagem, no final do capítulo 17. O texto narra que a relação dos dois se inicia logo após esse primeiro encontro e se encontra do mesmo modo que as citações anteriores aludiam: é um sentimento recíproco onde o comportamento de um reflete no do outro e, acima disso, reflete a conduta de cada um com Deus. Quando Jônatas faz sua aliança com Davi, há o “encontro do tesouro” como mencionado na Sirácida, ou ainda o “irmão na adversidade” como apontado nos Provérbios. Esta adversidade seria ainda pior conforme a continuação da história e as tramas de Saul para matar Davi acontecem. Jônatas, filho do rei, reconhece na sua amizade verdadeiro valor e, percebendo que as ações do pai não têm sentido, busca proteger e defender seu amigo, a ponto de ser humilhado pelo pai.

Um destaque que a Escritura faz questão de mencionar é a forma do amor que Jônatas sente: ele ama Davi como a si mesmo, resgatando o Provérbio analisado anteriormente – o compromisso de amar o amigo que no comentário de RASHI, encontra ressonância: deve-se sempre amar os amigos. O que demonstra claramente o plano de Deus para essa história, com Jônatas sendo crucial para a subsistência de Davi na sequência e seus laços resistindo, mesmo aos conflitos ou à distância.

“Amar como a si mesmo” é uma ligação importante com os ensinamentos de Jesus no Segundo Testamento, afinal são palavras ditas pelo próprio Jesus e, a partir desse ponto, ao traçar este paralelo é necessário entender que essas entregas preconizam a entrega única de Jesus na Cruz, a prova maior de seu Amor. O amor-próprio é o combustível para que se possa manter uma amizade saudável, com respeito e tolerância.

Entre essas três passagens podemos estabelecer uma relação que se revela um ensinamento de Deus para as relações humanas: a fidelidade do amigo é uma reprodução da fidelidade do Senhor para com seu povo e seus fiéis; seguindo no temor de Deus guiamos nossa vida e assim, mantemos nossas amizades sempre unidas, pois provocamos comportamentos condizentes com nossa fé e o desejo de Deus para nós.

### **Amizade a partir de João 15,15**

Tendo percebido as intenções dos autores no Primeiro Testamento e sabendo que estes textos circulavam na época de Jesus, é inevitável pensar nos impactos que eles tiveram na cultura e no comportamento daquela sociedade.

O texto do Evangelho de Jesus Cristo segundo João, conforme já exposto antes, é uma construção feita pelo evangelista e por sua comunidade. CASAGRANDE descreve que: “O apóstolo João está na base desse evangelho, mas outras pessoas de sua comunidade contribuíram para a redação do texto final. (...) Segundo a tradição, com João nasceu uma escola bíblica na cidade de Éfeso, onde ele foi morar.” (CASAGRANDE, 2019, p.63)

A escolha deste fragmento, em especial, se deve a comparação presente e seus desdobramentos no comportamento desejado para que os discípulos, e conseqüentemente, todos nós teríamos para seguir. O trecho se encontra no chamado “discurso de despedida” durante a ceia pascal, quando Jesus em meio aos onze, após a saída de Judas, passa diversos ensinamentos colocados neste momento da redação como um testamento para cada um.

Todo o capítulo 15 consiste em três partes: reforçar o amor como sinal dos discípulos e marca que regeria a vida de cada um deles. Dentro dessa análise, utilizaremos o texto em grego presente na tese de



MEDEIROS (2020). O versículo 15, em seu original, tem a seguinte composição:

“15 οὐκέτι λέγω ὑμᾶς δούλους, ὅτι ὁ δοῦλος οὐκ οἶδεν τί ποιεῖ αὐτοῦ ὁ κύριος· ὑμᾶς δὲ εἶρηκα φίλους, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ πατρὸς μου ἐγνώρισα ὑμῖν.”

Segundo a versão da TEB:

“15 Já não vos chamo servos, porque o servo permanece na ignorância do que faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi junto de meu Pai vo-lo fiz conhecer.”

Numa primeira leitura dos trechos, os termos estabelecendo a comparação devem chamar a atenção: os termos “δοῦλος – doulos” e “φίλους – philous”, respectivamente servo e amigo, são usados por Jesus por serem de fácil compreensão para os discípulos ali presentes e mesmo dentro do contexto histórico em que estão inseridos.

No primeiro momento, o evangelista coloca, na continuidade da fala de Jesus sobre serem amigos dele aqueles que fizerem o que ele manda, essa colocação sugere a postura de um subordinado, alguém que realiza as obras do senhor. Jesus percebe essa conotação, e por isso a primeira frase se organiza como “não mais falo-vos servos” (MEDEIROS, 2020, p.54) deixando claro que, mesmo que seja o Senhor, aqueles que ali estão não devem se considerar escravos.

A continuação esclarece a razão da comparação não ser válida – a ignorância e o conhecimento sobre as ações do senhor. As notas da versão da TEB indicam justamente esse ponto: “O servo é considerado o executor de ordens cuja significação e alcance não pode perceber.” Neste ponto é importante observar que o contexto semita, ainda mais como parte do Império Romano, era cercado de escravos que prestavam os serviços aos amos. Gaio (130 d.C. – 180 d.C.), jurista romano, escreve sobre a escravização no Império: “Os escravos devem estar submetidos ao poder de seus amos” (GAIO apud PENKINS, 2021, p.17). Essa submissão transformava o escravo em alguém sem escolha própria e negava a principal característica que a criação divina nos concedeu: o livre arbítrio. Quando Jesus evidencia esse elemento, ele ressalta a liberdade de escolha de cada um daqueles que o seguiram até aquele momento, algo tão verdadeiro que possibilitaria até a traição.

Essa fala simplesmente confirma o ato realizado pouco antes, o lavapés. Conforme detalha CASAGRANDE:

A sociedade do tempo de Jesus estava organizada de maneira que o servo servisse o senhor. Muitas pessoas se sentiam honradas com isso. No entanto, Jesus propõe outra dinâmica. A maior honra para ele, o sentido do Reino de Deus, exige que os servos sejam servidos. Foi isso que levou Pedro a reagir. Essa mudança é estonteante, sem precedentes, completamente fora da lógica até então vivida. Todo mundo queria ser senhor ou, pelo menos, servo do senhor, mas Jesus veio e ensinou as pessoas a serem servos dos servos. (CASAGRANDE, 2019, p. 95)

Pelo ato que havia realizado logo antes, a fala de Jesus mantém uma mesma visão transformadora de mundo e da sociedade em que vivemos.

A sequência da explicação de Jesus introduz o segundo termo da comparação: o amigo. Conforme exposto anteriormente, a amizade era uma face do amor de Deus para com as pessoas e faz parte da vida humana na terra. A Doutrina Social da Igreja, sobre esse tema da amizade, pontua que:

A pessoa só pode sobreviver e desenvolver-se com a ajuda dos outros. Para ser homem, não basta viver numa boa relação com Deus; além disso, o ser humano deve ter muito cuidado para viver numa relação com os outros. Isto começa com a família; diz respeito ao círculo dos amigos, e, finalmente, a toda a sociedade. (DOCAT, 2016, p. 60)

Somos seres sociais, o que valoriza esse trato social com as demais pessoas. E isso é valorizado por Deus, desde o Primeiro Testamento, como vimos pelos trechos apresentados ou mesmo ao lembrarmos da “regra de ouro” contida no livro do Levítico, reforçada por Jesus e que aqui apresentamos na perspectiva de Hilel, grande sábio judaico, que ao ser provocado por um homem para resumir toda a Torá, disse: “Não faça aos outros o que não quer que façam a você”. Essa frase está diretamente ligada ao mandamento de Jesus para seus discípulos: “Como eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros” (Jo 13,37), porém com pontos de partida diferentes. Enquanto Hilel começa da perspectiva negativa, pensando na fraqueza do ser humano e, por isso, pontuando sobre a não realização de algo ruim para evitar retribuições, Jesus parte da perspectiva

positiva, colocando seu amor como exemplo, principalmente por saber o que viria a acontecer, e coloca o amor como gesto a ser repetido, uns aos outros, sem distinção.

Jesus na sua comparação diz que chama os discípulos de amigos, pois eles sabem tudo o que o Pai transmitiu a Jesus. Eles estavam intimamente ligados, afinal acompanharam Jesus desde o início de sua vida pública, quando alguns deixaram João Batista e foram seguir aquele mestre vindo de Nazaré e estavam ali nos últimos momentos dele antes da Paixão. Apesar disso, sabemos pelo todo que o Evangelho representa que muitas das coisas que aconteceram com Jesus só se tornam percebidas pelos apóstolos após sua consumação ou após as aparições de Jesus Ressuscitado. O conhecimento das atividades do Senhor não necessita que os amigos entendam as mesmas, mas a disponibilidade do mestre em prestar contas aos seus companheiros já demonstra a diferença deste relacionamento.

As notas da Bíblia na versão TEB indicam que:

“O amigo, ao contrário [do servo], obedece com conhecimento de causa: Jesus trata os seus discípulos como amigos, visto que lhes revelou integralmente as intenções do Pai, isto é, o amor infinito do Pai. Segue-se daí que a obediência deles, que é obra do amor, é também obra da liberdade.” (BÍBLIA TEB, 2020, p. 2029)

Retomando o versículo 6 do capítulo 6 do Sirácida, onde é mencionado o amigo fiel ser um “elixir da longa vida”, há nele uma promessa de que, os que temem o Senhor encontrarão este elixir. Jesus apresenta-se como o amigo fiel, especialmente por trazer esse elixir contido em si, não para uma vida *longa*, mas *eterna* a partir do temor a Deus e o seguimento dos mandamentos, dentre eles o que Jônatas já praticava em relação a Davi – amar ao outro como a si mesmo. Esse ato de amor que o próprio Jesus já sabia que estava perto de realizar entregando-se pela humanidade.

Apesar dessa entrega do amigo fiel, Jesus, sabemos que a continuidade da narrativa apresenta a dispersão dos discípulos de tal modo que na adversidade, ao contrário do que vimos anteriormente, os amigos não se comportaram como o próprio Jesus havia se comportado antes, provocando a fala “Eis que vem a hora, e ela já chegou, em que sereis

dispersados, cada qual para o seu lado, e me deixareis sozinho; mas eu não estou só, o Pai está comigo” (Jo 16,32). Mesmo com sua certeza, Jesus continua com seu reto comportamento e reza pelos seus, mantendo sua conduta e disciplina. Se olharmos nos Evangelhos Sinóticos, a frustração de Jesus é ainda mais evidenciada, pois, ao se retirar para esta oração pessoal e profunda, ele segue com Pedro, João e Tiago para o Getsemâni e, ao voltar, encontra os discípulos, seus amigos, dormindo. Este momento gera uma clássica frase: “Então, não tivestes força pra vigiar nem uma hora comigo!” (Mt 26,40).

Sobre o uso da palavra “φίλους – philos” – “amigo” por Jesus, MEDEIROS disserta que:

“Quando o evangelista se apropria da linguagem da amizade para descrever o tipo de ligação estabelecida entre Jesus e seus discípulos, ele os lança num círculo com características bem definidas e bastante conhecidas por seus ouvintes. A fala de Jesus chamando os seus discípulos de “amigos” rompeu com a tradicional estrutura do rabinato e da hierarquia socioreligiosa que existia entre “discípulo” (μαθητής – mathetes) e mestre” (διδάσκαλος – didaskalos), entre “Senhor” (κύριος – kyrios) e “servo” (δοῦλος – doulos).” (MEDEIROS, 2020, p.71)

Quando analisamos Jesus como *Rabbi*, percebemos exatamente essa quebra da hierarquia tradicional que existia e continuará existindo em muitas escolas. A principal quebra acontece com o episódio do “lava-pés”, ocorrido na mesma ocasião da Ceia Pascal, dois capítulos antes (Jo 13, 12-20), e continua mostrando o quanto este mestre é diferente dos anteriores. A revolução do amor pregada por Jesus vai permanecer firme na vida de cada um destes apóstolos e na continuação da Igreja Primitiva, seja pelos homens que passam a acompanhar os discípulos, como Marcos, Barnabé, Timóteo, seja pelo cuidado com as próprias comunidades que iam surgindo, para que a unidade entre os seus membros fosse exemplar.

Conforme dito anteriormente, a composição do Evangelho de Jesus Cristo segundo João, assim como de outros textos do Segundo Testamento, é reflexo das comunidades nascentes da época e buscava reforçar pontos úteis para que os fiéis daquele momento histórico, assim como nós hoje, pudéssemos aplicar e transformar nossas vidas através de Jesus. Neste contexto da Última Ceia e da despedida, o evangelista usa do discurso de

Jesus para orientar a comunidade, assim como os discípulos estariam recebendo aquela instrução, aqueles exemplos.

Para CASAGRANDE: “Não era suficiente que os seguidores de Jesus dessem um testemunho individual. Por isso, o testemunho é creditado na comunhão que acontece entre os discípulos – uns com os outros, em Jesus e pela causa de Jesus.” (CASAGRANDE, 2019, p.107) Esse papel de ensinar o serviço realizado por Jesus, mesmo sendo mestre, serviu como modelo para os discípulos presentes naquele momento, mas também como legado para as comunidades que viram o ensinamento do Senhor sendo passado juntamente com o testemunho do grupo dos discípulos que transmitem por seus gestos e palavras o que aprenderam. Complementando esse entendimento, MEDEIROS escreve que: “Os escritos Joaninos retomam os ditos de Jesus para reavivar o padrão comportamental que deve perdurar entre os membros das comunidades” (MEDEIROS, 2020, p.71). Esta característica deste Evangelho mostra que o escrito não era, de forma inocente, somente para reproduzir a fala de Jesus, mas também para provocar comportamentos nos seus membros, de modo que, ao estarem na boca do Senhor, estes eram aceitos mais facilmente e respeitados de forma mais ampla.

CASAGRANDE ainda acrescenta que: “Jesus escolhe os discípulos para uma missão que corresponde à sua (cf. Jo 17,18; 20,21) e os admite em condição de amizade (cf. Jo 12,26; 15,15).” (CASAGRANDE, 2019, p. 110) Essa sintonia entre o Mestre e seus apóstolos é o que permite uma comunhão fraterna. Cada um destes escolhidos encontra verdadeiro tesouro, como relata o Sirácida, e um refúgio seguro em Jesus, como nós ao buscá-lo também encontramos.

É importante afirmar que, ao relatar estas situações de Jesus em sua ceia derradeira, a comunidade não quer diminuir a autoridade que Ele exercia em seus discípulos e permanece tendo como Deus, mas exprimir que tipo de autoridade foi exercida por ele e como esse modelo deveria ser perpetuado entre as lideranças cristãs. CARSON é citado por MEDEIROS comentando: “O direito absoluto de Jesus de comandar de nenhuma forma é diminuído, mas ele se esforça para informar seus amigos de seus motivos, planos e propósitos.” (CARSON apud MEDEIROS, 2020, p. 75)

Essa diferença no comando exercido por Jesus é uma das muitas mudanças entre o que era esperado como Messias e o real posicionamento

do Cristo. Na sequência do texto, com a traição consumada por Judas e a Paixão que sofreu, essa lógica se torna ainda mais afastada de nosso raciocínio humano. Sobre esse tema, SUNG escreve:

Confessar que Jesus, derrotado condenado e morto pelo Império Romano e o templo, ressuscitou é crer num Deus que não está associado com o vencedor. Essa fé permite distinguir a vitória e o poder da verdade e justiça. (SUNG apud ROSSI e SCARDELAI, 2021, p.422)

Nesse contexto, entende-se ainda melhor a despedida de Jesus na Ceia Pascal, buscando orientar e guiar os discípulos através a grande adversidade que viveriam naquele momento próximo. A quebra entendida pelos apóstolos que conviveram diretamente com o Cristo, é ainda maior para os que não o fizeram, tornando o testemunho ainda mais importante. É somente pela atuação dos discípulos nas nações, seja entre os judeus ou entre os pagãos, que Jesus se torna conhecido e os seus preceitos e mandamentos junto. Certamente, as palavras que os amigos de Jesus ouviram na Última Ceia ecoaram por suas mentes e provocaram o ânimo para que a obra não esmorecesse assim que puderam perceber tudo o que havia realmente acontecido.

## **Conclusão**

O conceito de amizade é muito valorizado, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento. No caso do Primeiro, há uma intenção dos hagiógrafos em demonstrar a importância da reciprocidade nesta relação ressaltando que o comportamento do amigo será comparável ao da pessoa, o que deve inspirar o melhor em cada um. Também há a intenção de apresentar a amizade como um sentimento relacionado ao temor a Deus e ao próprio amor dEle para conosco. Enquanto “fiel”, “refúgio seguro” e “tesouro” são qualidades atribuídas ao amigo que foi encontrado, é evidente que eles também devem ser atribuídos a Deus que se apresenta e revela a nós. Ele é verdadeiro amigo que favorece, inclusive as demais amizades a partir de uma mesma fé e, conseqüentemente, um mesmo código moral.

Ainda no Primeiro Testamento, existem algumas amizades marcantes para que o Povo tenha referências práticas de como elas devem ser. No exemplo citado, entre Jônatas, filho do rei Saul, e Davi, que havia derrotado um grande filisteu, a amizade foi quase instantânea, e o autor faz questão de escrever que Jônatas amava a Davi como a si mesmo”. Esse

tipo de amor é o mais puro que existe, pois pressupõe que o amor-próprio seja guia e, nesse contexto, um dedique-se totalmente ao outro, pois fazendo isso, está realizando para si mesmo.

Esse modelo de amor serve como ponte entre os Testamentos, pois a figura de Jesus está permanentemente ligada a este amor que não tem limites. No seu caso, foi além, até sacrificar-se na cruz para ressuscitar por nós. A particularidade no caso de Jesus é replicar esse amor diretamente em seus discípulos por meio de demonstrações práticas, como o ato de lavar os pés de cada um deles, mas também de palavras como o uso da palavra amigo (no grego, *philos*) para que aqueles que o seguiram estivessem conscientes que sabiam e partilhavam de tudo que o Mestre soube através de seu Pai.

Levando em consideração as circunstâncias que diferenciam o Evangelho de Jesus Cristo segundo João dos demais, chamados Sinóticos, é importante levar em consideração que o evangelista tinha, juntamente à intenção de transmitir o que Jesus havia dito, a intenção de conscientizar a comunidade e provocar nela a melhor conduta para que permanecesse unida ou, nas adversidades, resistissem, conforme o testemunho dos discípulos e do próprio Mestre Jesus. Essas situações, como o lava-pés ou a classificação dos discípulos como amigos não prejudica ou rebaixa a autoridade de Jesus perante seu grupo, mas reforça o modo diferente daquele tipo de liderança dentre as demais da época, do mesmo jeito que a comunidade que se formava também deveria ser diferente das que já existiam.

Com tudo o que foi exposto, inclusive na Doutrina Social da Igreja, pode-se relacionar facilmente com o tema da Campanha da Fraternidade proposta pela CNBB para o ano de 2024, afinal o ser humano é, necessariamente, um ser social que depende dos outros ao seu redor para desenvolver-se plenamente. Deste modo, a amizade social, trabalhada pelo Papa Francisco em sua carta encíclica *Fratelli Tutti* – sobre a amizade social, é um tema que deve ser revisto buscando uma reaproximação à amizade das Escrituras, para que se diminuía o isolamento e as consequências que ele gera social e mentalmente.

Conforme exposta anteriormente, a regra de outro, trazida em Levítico 19,34; usada por Hilel e retomada por Jesus em Mateus 7,12 pode ser um instrumento para guiar esse tipo de relação social: “Tudo aquilo que

quereis que os homens façam a vós, fazei-o vós mesmos a eles”. Isto quer dizer que, para que a amizade floresça como é louvada pelo Primeiro Testamento ou ensinada por Jesus no Segundo Testamento a conduta individual deve ser exemplar, para que seja emulada pelo amigo e assim, na reciprocidade, surja essa imitação do amor divino.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA TEB: notas integrais tradução ecumênica. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

BIBLIA SEPTUAGINTA. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/septuaginta/eclesiastico/6/>. Acesso em 3 de abril de 2024.

CASAGRANDE, Moacir. **Escritos Joaninos e Apocalipse**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

FRANCISCO. Carta Encíclica **Fratelli Tutti**. Roma, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em 31 de março de 2024.

FUNDAÇÃO YOUCAT. **DOCAT: Como agir?** São Paulo: Paulus, 2016.

MEDEIROS, João Batista Nunes de. **Uma Análise Das Relações De Amizade Como Um Elemento Norteador Das Comunidades Primitivas A Partir De João 15**. Orientador: Dr. Paulo Roberto Garcia. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020. Disponível em:

<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2057/2/Joao%20Batista%20N%20Medeiros2.pdf>. Acesso em 30 de março de 2024.

MORASHA. **HILEL**. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/profetassabios/hilel.html>. Acesso em 10 de abril de 2024.

PASSETO, Elio. **As Sagradas Escrituras explicadas através da genialidade de Rashi**. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2020.

PINSKY, Jaime. (Org.) **100 Textos da História Antiga**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

RASHI. **The Judaica Press complete Tanach with Rashi**, translated by A. J. Rosenberg. Disponível em: [https://www.sefaria.org/Rashi\\_on\\_Proverbs.17.17.1?lang=bi&with=About&lang2=em](https://www.sefaria.org/Rashi_on_Proverbs.17.17.1?lang=bi&with=About&lang2=em). Acesso em 3 de abril de 2024.



SATLOW, Michael L. The Wisdom of Ben Sira: How Jewish? **The Torah.com**, 2015. Disponível em: <https://www.thetorah.com/article/the-wisdom-of-ben-sira-how-jewish>. Acesso em 4 de abril de 2024.

SCARDELAI, Donizete; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus, o messias dos pobres**: por uma teologia do messianismo libertador e integral. São Paulo: Paulus, 2021.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. A Amizade Fiel no Sirácida. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, Ano XVI, n.41, p. 350-358, mai./ago. 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21664/21664.PDF>>. Acesso em 4 de abril de 2024.

TANAKH. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Proverbs?tab=contents>. Acesso em 30 de março de 2024.

## Apêndice – Versão original de textos traduzidos

Comentário de RASHI sobre Provérbios 17,17.

**At all times, love a friend** You should always love friends, i.e., to acquire people who love you.

**for he is born a brother for adversity** at the time of adversity, the friend will be born to you as a brother, to help you and to participate in your adversity. (RASHI, 1998)